

# Implicações do professor face às mudanças anunciadas na educação: representações sociais de futuros pedagogos

Bruna Luise SILVA<sup>1</sup>

Daniela Barros da Silva Freire ANDRADE<sup>2</sup>

## Resumo

Esta investigação objetivou perquirir as representações sociais de acadêmicos em Pedagogia sobre atuação do docente diante de mudanças. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados o que se denominou narrativas espontâneas, que se caracterizou pelo relato de situações de mudanças no curso de Pedagogia e na escola. Os dados foram processados por meio do software ALCESTE e revelaram que os acadêmicos representam as mudanças como motivadas por elementos externos. O seu enfrentamento acontece quando elas são impostas, sendo o mesmo ancorado em uma ação individual que não apresenta articulação formal com pares, objetivado na adaptação.

**Palavras-chave:** Trabalho docente. Mudanças. Representações sociais.

## Abstract

This study aimed at investigating the social representations of academic students from Pedagogy courses about their teaching performance face to the changes. It was used as instrument for data gathering what is named spontaneous narratives, which were characterized by the story of change situations in the Pedagogy course and in the school. The data was processed by means of software ALCESTE and revealed that the academics represent the changes as motivated for external elements. The confrontation of the changes happens when these are imposed, being the same anchored in an individual action that does not present formal articulation with their pairs, objectified in the adaptation.

**Keywords:** Teaching work. Changes. Social representations.

---

1 Mestranda do PPGE-UFMT, membro do Grupo de Pesquisa em Educação e Psicologia, bolsista FAPEMAT. brunaluise@gmail.com

2 Professora Doutora Orientadora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Educação e Psicologia, da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT).

## INTRODUÇÃO

Atualmente a escola passa por um delicado momento histórico, em que são questionados sua relevância social e os meios pelos quais são desenvolvidos os processos educativos. Pode-se dizer que o desencanto com que a escola é vista atualmente como reflexo do declínio das crenças desta instituição como provedora de ascensão e igualdade social que, por conseguinte, reverbera na valorização social da profissão docente.

A esse respeito, observa-se que a massificação do ensino conduziu à excessiva formação de professores, o que não significou prioritariamente uma formação de qualidade. Outro fator a ser levado em consideração é que foram criados sistemas de regulação da escola, em que o professor perdeu o domínio sobre o seu trabalho.

Essa descrença na escolarização possibilitou a inserção de discussões acerca de mudanças na educação. Palavras como mudança, inovação e reforma são frequentes no vocabulário educacional, mas nem por isso suas conceituações são claras.

Entende-se por mudança a ressignificação da prática. Farias (2006, p. 44) explica a esse respeito que:

A mudança como ressignificação da prática ultrapassa as modificações sobre a vida organizativa da instituição e aplicação de tecnologias, envolvendo um novo modo de agir, alicerçado em novos valores, símbolos e rituais; ela não se constitui isoladamente nem ocorre através de imposições.

Isso implica dizer que as mudanças são construídas a longo prazo, em um incessante jogo de negociações individuais e coletivas que promovem um exercício contínuo de superação de crenças, atitudes e valores.

À luz da Teoria das Representações Sociais, a temática mudança na Educação revela-se como um objeto de representação potencialmente esclarecedor, tendo em vista os questionamentos que têm sido levantados nas pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Educação e Psicologia – GPEP.

Esses estudos tomam a fala dos professores sobre a escola e revelam um movimento recorrente e paradoxal, através do qual os professores, de um lado, demonstram a sua preocupação com o envolvimento em prol de um trabalho coletivo e, de outro, exibem um comportamento discursivo caracterizado por uma atitude de distanciamento e baixo grau de implicação com aquilo que estava sendo dito, como pode se aludir pelas pesquisas arroladas.

Silva (2004) destacou, em suas análises sobre o discurso de 44 professores relativos à escola do passado, presente e futuro, uma tendência dos docentes em não se implicarem pessoalmente, não se vendo como agentes de transformação.

Cândido (2007), ao investigar as representações sociais de 304 professores do ensino médio sobre a atividade docente, na rede pública estadual em Cuiabá, constatou quadro semelhante. O grupo de professores, quando indagado sobre os motivos

para ser professor, pontuou minimamente as idéias de mudança e cidadania e ainda, sobre a articulação entre a classe de professores, assinala que a sobrecarga de trabalho em diversos estabelecimentos faz com que acabem se isolando em suas atividades.

Esse modo de representar a profissão e a formação parece estar associado às reflexões de Morgado (2005) sobre o *individualismo na cultura docente*. Segundo o autor, a profissão docente vem sendo construída com um isolamento do professorado em suas práticas.

Indo além, pode-se dizer que o individualismo posto na cultura docente é recorrente em nossa sociedade. A categoria individual se faz presente na modernidade e é nela que se tentam resolver os problemas enquanto que o espaço público parece inexistente e diluído em meio a ideologias, que exacerbam o valor do indivíduo (GENTIL, 1996).

Batista (2007) perquiriu sobre as representações sociais de 305 professores da rede municipal de ensino, do ensino fundamental, sobre suas atividades docentes. Apesar de apontar resultados aproximados ao de Cândido (2007), que relatou acerca dos professores do ensino médio, em tal estudo, quando se questiona sobre os motivos para ser professor, o vocábulo *mudança* tem frequência ainda menor.

Ao investigar as representações sociais dos licenciandos da UFMT sobre perspectivas de futuro do trabalho docente (BENTO-GUTH, 2008) observa-se que licenciandos, ao evocarem palavras sobre *do que dependerá o trabalho docente no futuro?*, destacaram atores sociais tais como *poder público e aluno*.

Contraditoriamente, ao serem indagados se pretendiam ser professores, se constatou no mesmo grupo que mais da metade respondeu afirmativamente, sendo que o curso de Pedagogia se sobressaiu, enquanto licenciatura, com maior número de respostas positivas. Outro dado relevante, referente a este questionamento, é que aqueles que querem exercer a docência são os que colocaram o vocábulo *mudança*, como uma das respostas para *razões para ser professor*.

Assim, os dados advindos das pesquisas com professores e licenciandos revelaram um comportamento discursivo do professor que apresenta baixo grau de implicação com a escola, uma forte tendência em sustentar uma atuação profissional individualizada, uma vinculação entre o discurso pela adesão à docência e à necessidade de mudança.

Perante o que foi exposto, este estudo visa compreender, por meio da Teoria das Representações Sociais, qual a rede de significados que sustenta o discurso sobre mudanças na Educação e ainda compreender o lugar da ação docente nesse contexto. Mais especificamente, intenta refletir sobre ao potencial transformador atribuído à ação profissional do professor.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para o balizamento da análise dos dados desta investigação, utilizou-se a Teoria das Representações Sociais, proposta pelo psicólogo social Serge Moscovici. Tal autor compreende que os diversos grupos sociais elaboram e partilham teorias que visam orientar suas práticas, significar e legitimar a realidade.

Essas teorias, partilhadas socialmente pelos grupos, são denominadas *Representações Sociais* e, segundo Moscovici (1978, p. 28), estas se constituem por “[...] um ‘corpus’ organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas, e liberam os poderes da imaginação”.

Moscovici (1978) apresenta como finalidade das Representações Sociais a formação de condutas e orientação das comunicações sociais. É a partir dessas teorias do senso comum que os grupos orientam suas ações e decodificam a realidade, mediante a conversação.

Essas duas funções apresentam-se vinculadas ao processo de identificação no grupo, que reconhece em seus pares signos e práticas sociais próprias. Jodelet (2001) explica que tal processo atua como mecanismo de economia cognitiva, especialmente quando a identidade social é posta em prova, protegendo o grupo da tensão gerada por um elemento estranho.

Para que a identidade social permaneça positiva, as Representações Sociais também funcionam como legitimação de ações e condutas, na medida em que justificam o posicionamento do grupo de referência (JODELET, 2001).

Assim, diante do inusitado, o grupo mobiliza, para restaurar seu equilíbrio cognitivo, social e afetivo, dois processos formadores das RS, que se baseiam na memória e em conclusões passadas: a ancoragem e a objetivação (MOSCOVICI, 2003).

Esses processos compõem duas facetas indissociáveis da representação social: a ancoragem seria a face simbólica e o mecanismo de objetivação, a face figurativa. Ao representar, por conseguinte, destaca-se uma figura e a carga de sentido (MOSCOVICI, 1978).

A ancoragem consiste no arraigamento daquilo que é incógnito em um sistema de significados preexistentes. Nesse enfrentamento, procura-se enquadrar o elemento novo e estranho em categorias familiares. Já o mecanismo de objetivação busca uma estrutura imagética para a representação e, assim, tornar a realidade concreta e acessível à vida cotidiana (JODELET, 2001). Trata-se da ligação de uma idéia a uma imagem.

Assim, os processos formadores das Representações Sociais visam aproximar o longínquo e o estranho à realidade comum e compartilhada.

Considerando os aspectos teóricos levantados, é possível perceber as mudanças na educação enquanto objeto de representação, visto que, por romper a estabilidade do cotidiano escolar e questionar as práticas instauradas, engendra um processo de

construção de novos significados e de novas ações educativas. Diante disso, questionou-se acerca das representações co-participadas por alunos de Pedagogia sobre a atuação dos professores em situações de mudanças na educação.

## METODOLOGIA

A presente pesquisa foi realizada com alunos do curso de licenciatura plena em Pedagogia, com habilitação em séries iniciais, da Universidade Federal de Mato Grosso. De acordo com a coordenação do Instituto de Educação, até o final da coleta dos dados referentes à primeira fase do estudo, novembro de 2007, o curso contava com o total 312 alunos, sendo 157 estudantes do período matutino e 155 no vespertino.

Como instrumento de coleta de dados, realizou-se o levantamento de *narrativas espontâneas* acerca de mudanças no curso de Pedagogia e na escola. Esse instrumento caracterizou-se pelo registro de situações de mudanças, reais ou fictícias. Em um primeiro momento, os sujeitos relataram situações contextualizadas na vida acadêmica de um típico estudante de Pedagogia e, no segundo momento, na vida profissional como professor.

A aplicação do instrumento foi feita de forma coletiva, em todas as turmas de Pedagogia, com aqueles alunos que se dispuseram a participar da pesquisa, voluntariamente. Entretanto, houve pouca adesão dos alunos do quarto ano, especialmente do turno vespertino, que se encontravam envolvidos com a prática de estágio e com o trabalho de conclusão de curso.

Ao total, foram obtidas 145 respostas, distribuídas em todos os períodos. Houve uma maior participação dos primeiros e segundos anos, conforme demonstra a tabela a seguir:

**Tabela 1** Distribuição dos Alunos participantes da pesquisa, quanto ao período

Período (anos)	N	%
1º	64	44,14
2º	41	28,28
3º	33	22,75
4º	7	4,83
Total	145	100

Dentre as respostas angariadas nessa fase, nem todas foram concluídas de forma adequada. O estudo teve respostas completas, parciais e em branco, tendo como maior quantidade as completas. As respostas parciais foram caracterizadas por aquelas em que os sujeitos descreviam ou a situação de mudança no curso de Pedagogia, ou na escola.

Os dados obtidos foram processados por meio do *software Analyse Lexicale par Context d'un Ensemble de Segments de Texte* – ALCESTE, que possibilita realizar de

modo automático a análise lexical. A partir do relatório gerado pelo *software*, procedeu-se a descrição e análise dos dados.

## APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

No relatório fornecido pelo programa, obteve-se um aproveitamento de 80, 12% do texto, gerando três classes.

Após a análise das classes, estas foram nomeadas, a fim de descrever o conteúdo de cada uma delas, bem como explicar o discurso do grupo. Tal análise confirma a relação entre o conteúdo das classes, como se verifica pela ilustração abaixo:

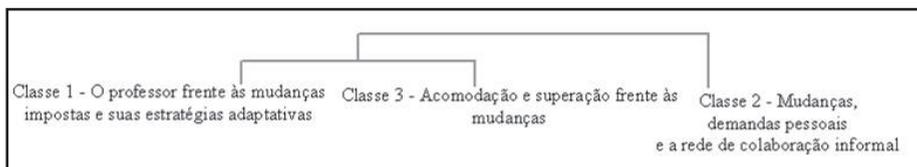


Ilustração 1 Relação entre as classes geradas pelo ALCESTE

Classe 1 – O professor frente às mudanças impostas e suas estratégias adaptativas

Classe 2 – Mudanças, demandas pessoais e a rede de colaboração informal

Classe 3 – Acomodação e superação frente às mudanças

Pode-se observar, por meio da ilustração acima referida, que as classes 1 e 3 apresentam discursos com maior relação de proximidade, enquanto a classe 2 parece distanciar-se das demais.

Os resultados processados pelo *software* apontam que os discursos da classe 1, *O professor frente às mudanças impostas e suas estratégias adaptativas*, são mais específicos dos sujeitos do turno matutino e do segundo ano.

Na seqüência, são apresentadas as palavras características dessa classe na tabela 3, por ordem de  $\chi^2$ , e no quadro 1, suas formas associadas. As siglas FPC, FPT e PR, indicam respectivamente, valores de frequência da palavra na classe, frequência no total do *corpus* e relação entre a frequência na classe e no *corpus*.

Tabela 3 Palavras representativas da Classe 1, em ordem decrescente de  $\chi^2$ 

Palavra	FPC	FPT	PR	$\chi^2$
Professor+	104	166	62,65	56,43
Forma	24	26	92,31	30,92
Método+	20	20	100	30,89
Aluno+	68	113	60,18	25
Adequar	16	16	100	24,47
Ensino	22	26	84,62	22,42
Materi+	18	20	90	21,38
Trabalhar+	14	14	100	21,3
Plano+	16	18	88,89	18,3
Seu+	32	46	69,57	18,16
Sua+	46	74	62,16	17,57
Conteúdo+	24	32	75	17,15
Criança+	20	26	76,92	15,29
Chega	10	10	100	15,07
Turma	22	30	73,33	14,48
Mudança+	40	66	60,61	13,19

PALAVRAS	FORMAS ASSOCIADAS
Professor+	professor, professora, professoras, professores
Metodo+	método, métodos
Aluno+	aluno, alunos
Materi+	matéria, materiais, material
Trabalhar+	trabalhar, trabalhará
Sua+	sua, suas
Aula+	aula, aulas
Conteúdo+	conteúdo, conteúdos
Criança+	criança, crianças
Dess+	dessa, desse, desses
Dever+	dever, deverá
Ele+	ele, eles
Mudança+	mudança, mudanças
Plano+	plano, planos
Seu+	seu, seus

Quadro 1 Palavras características e suas formas associadas da Classe 1

A classe 1 parece reunir os discursos a respeito do ingresso do professor na docência e os percalços que encontra ao ter que se conformar à realidade escolar. Seguindo a fala de um dos licenciandos:

O professor chega à sala de aula com maiores intenções e com todo o ânimo. Na primeira semana de aula ele não consegue transmitir os conteúdos, por falta de participação desses alunos, e mais, esses alunos são mal educados, gritam e xingam (Suj.116, terceiro ano vespertino, sexo feminino).

Esta fala reporta-se às condições em que se apresenta a docência na atualidade, as diferenças culturais e as desigualdades sociais de que os alunos são provenientes, e as quais os professores necessitam se adaptar, transformar práticas consolidadas da docência, como a transmissão de conteúdos.

O conjunto de palavras desta classe reflete ainda o planejamento prévio do professor e as mudanças que têm de fazer ao se deparar com a realidade da sala de aula:

O professor chega à sala de aula e começa a matéria, entendendo que a sala já tinha subsídios para entender de forma mais complexa o assunto. Após perceber que os alunos não tinham subsídios, o professor retoma as questões introdutórias, básicas. Sendo consciente da sua responsabilidade, buscaria material necessário e aplicaria na sala de aula (Suj. 64, primeiro ano matutino, sexo feminino).

Assim, o docente, na visão fictícia dos licenciandos, pode ter que alterar plano de aula e metodologia, de acordo com o contexto encontrado nas escolas. Para os alunos de Pedagogia, os enfrentamentos das pequenas adversidades se fazem por meio de alterações curriculares e metodológicas, sem mencionar a dimensão coletiva da profissão.

Na classe 1 são expressas ainda outras formas de mudança no âmbito institucional. Fala-se das necessidades de mudança do professor, bem como das inovações providas externamente à escola, ou ainda impostas pela direção:

O professor trabalha em uma escola que vive acontecendo transformações, a cada dia o plano pedagógico muda e os alunos não estão se adaptando. O professor não sabe mais o que fazer, vai conversar com o diretor e tentar resolver a situação para que as mudanças fossem feitas de maneira que não prejudicassem os alunos (Sujeito 46, primeiro ano matutino, sexo feminino).

Nesta direção, designam-se as mudanças que o professor tem que inserir em sua rotina, a partir de uma demanda externa, da direção ou do governo, sem sua participação e parece refletir a lógica da educação na atualidade, em que os especialistas tomam decisões e apontam as mudanças a serem efetivadas na escola (MORGADO, 2005), como as falas a seguir esclarecem:

Mudança no plano de ensino, proposto pela direção. O professor buscaria conhecimentos para então colocar o novo modo de ensino (Suj. 83, segundo ano matutino, sexo feminino)

Uma mudança que atualmente acontece é a escola ciclada, o professor passa por essa mudança e sente dificuldades em se adaptar. Para resolver, buscaria conhecimentos e procurando se adequar ao sistema (Suj. 74, segundo ano matutino, sexo feminino).

O novo, quando surge na escola, está associado à necessidade de adequação e de adaptação que, na fala dos licenciandos se realiza por meio da busca de conhecimentos e métodos de ensino ajustados às exigências impostas.

Contudo, quando as inovações são propostas pelos professores, os licenciandos acreditam que elas não são aceitas pela escola e, por isso, o docente deve persistir para ser ouvido:

Um professor que procura inovar a sua metodologia de ensino às vezes é criticado pelos mais antigos, mas se ele for em frente, pode ter certeza que mudanças acontecerão na escola e se ele achar que estão surgindo efeitos positivos, deverá continuar (Suj. 32, primeiro ano vespertino, sexo feminino).

Os discursos citados sobre o professor, como proponente de mudanças, foram raramente expostos pelos alunos de pedagogia.

Portanto, na classe 1 encontram-se os discursos referentes ao professor e às mudanças na escola, separados em dois grupos: o primeiro que fala do início da docência e das mudanças em sala de aula na relação professor e aluno e, o segundo, descreve que as mudanças motivadas por agentes externos sejam propostas pedagógicas ou mesmo pela direção, compreendidas como elemento desagregado do grupo de professores. Em ambos os casos, o professor deverá reorganizar a sua rotina conforme o surgimento de algo novo, que rompe a estabilidade e o enfrenta por meio de estratégias adaptativas, associadas à busca de metodologias e novos conhecimentos.

A classe 3, *Acomodação e superação frente às mudanças*, se apresentou como o menor bloco de palavras e exibiu discursos característicos dos alunos do sexo masculino. Nenhuma outra variável se sobressaiu, podendo, provavelmente, estar diluídas no texto. O fato de esta ser a menor classe pode significar um discurso específico dentro do *corpus*:

**Tabela 4** Palavras representativas da Classe 3, em ordem decrescente de  $\chi^2$ 

Palavra	FPC	FPT	PR	$\chi^2$
Experiência+	10	10	100	82,2
Superior+	6	6	100	48,84
Prática+	10	16	62,5	44,64
Agora	6	8	75	33,81
Apenas	6	8	75	33,81
Classe+	4	4	100	32,4
Tão	4	4	100	32,4
Algo	4	4	100	32,4
Tenho	4	4	100	32,4
Aspecto+	4	4	100	32,4
Imaginar	4	4	100	32,4
Adquirida	4	4	100	32,4
Treinamento+	4	4	100	32,4
Momento+	8	14	57,14	31,19
Deve	6	10	60	24,88
Disciplin+	6	10	60	24,88
Sim	4	6	66,67	19,08
Fica	4	6	66,67	19,08
Estar	4	6	66,67	19,08
Receber+	4	6	66,67	19,08
Especi+	4	6	66,67	19,08
Exemplo	4	6	66,67	19,08
Procurar	4	6	66,67	19,08
Aprendizagem	4	6	66,67	19,08
Sobre	4	6	66,67	19,08
Novas	8	20	40	17,83
Processo	6	14	42,86	14,84
Ess+	12	42	28,57	14,5

<b>PALAVRAS</b>	<b>FORMAS ASSOCIADAS</b>
Experiência+	experiência, experiências.
Superior+	superior, superiores
Prática+	prática, práticas
Classe+	classes
Aspecto+	aspecto, aspectos
Treinamento+	treinamento, treinamentos
Momento+	momento, momentos
Disciplin+	disciplina, disciplinas
Receber+	recebe, receber
Especi+	especiais
Ess+	essa, esses

Quadro 2 Palavras características e suas formas associadas da Classe 3

Nesta classe aparecem diferentes discussões: o novo com o qual se depara na universidade, a pouca prática no curso de Pedagogia e, ainda, a prática do professor e sua relação com os superiores:

O mundo acadêmico nos proporciona vivências ricas, não há como ser a mesma pessoa, mesmo com pouco tempo de contato com novas pessoas, novos conceitos, novas práticas, sabemos que tudo isso não é tão simples (Suj. 8, primeiro ano vespertino, sexo feminino).

Por falta de experiência prática fica difícil agora, nesse momento, imaginar alguma situação, talvez se eu estivesse lecionando poderia descrever alguma situação (Suj. 107, terceiro ano vespertino, sexo feminino).

No mesmo estágio, na prática, uma colega que queria apenas um diploma de nível superior mudou de idéia e disse ter se apaixonado pela profissão, ela se tornou mais aplicada nas disciplinas (Suj. 91, segundo ano matutino, sexo masculino).

As citações acima mostram diferentes considerações sobre a prática e o novo na universidade. Na primeira, o sujeito 8 retrata as mudanças que a vida acadêmica oportuniza, pontuando o novo como elemento de transformação pessoal.

Já a segunda ponderação refere-se à dificuldade do sujeito em criar na imaginação uma situação sobre mudanças na escola, justificada pela falta de prática em um movimento de se retirar do lugar daquele que pensa a educação, negando-se ao exercício proposto. A última fala, contrariamente, relata uma experiência em que a prática na universidade modificou a compreensão de uma aluna em relação à profissão.

Outro conjunto de significados deste bloco tem como temática as mudanças na prática do professor e sua relação com os superiores, como retratam as falas dos sujeitos arroladas:

Na verdade, os professores precisam a cada dia melhorar sua prática, independente das mudanças na escola, pois o mundo muda constantemente (Suj. 114, terceiro ano vespertino, sexo feminino).

Um professor de tantos anos de carreira, fixado em uma determinada série, de repente é condicionado a mudar de turma ou série. Por ordens superiores, acabaria, pois existe ordem superior em que está previsto isso e ele pode levar isso como experiência adquirida (Suj. 118, terceiro ano vespertino, sexo feminino).

Os discursos acima parecem significar que as mudanças, para o professor, acontecem a partir do momento em que ele atinge a sua prática profissional. Ao que tudo indica, a relação com o novo está implicada com a prática, tanto para o aluno na universidade, que ao se deparar com o estágio transforma suas crenças, como para o que imaginam do professor atuante. É por meio dela que o aluno espera alcançar seu desenvolvimento profissional, durante sua frequência na universidade e, posteriormente, enfrentar os desafios.

Outro bloco de significados parece tornar evidente que a experiência em situações educativas se mostra almejada pelos alunos, como meio de adquirir novos conhecimentos:

O professor nunca ter vivido uma experiência com um aluno com necessidades especiais e, de repente, tal situação acontece. Iria procurar se informar sobre as necessidades do aluno, procurar auxílios para ajudar a si mesmo e ao aluno (Suj. 110, terceiro ano vespertino, sexo feminino).

Uma criança que, por inúmeros motivos, não valoriza a escola no que se refere ao seu objetivo maior: a educação. Para ela, a vinda para a escola era uma obrigação, embora gostasse do recreio e do lanche. Aos poucos a educadora foi conquistando essa criança, que acabou por aprender que em todo processo de construção do conhecimento, fica algo rico para nós como pessoa: ele dá e recebe nas experiências (Suj. 14, primeiro ano vespertino, sexo feminino).

Nesta classe, o aluno de Pedagogia se coloca diante do novo, de modo a se esquivar, pois esta novidade o impediria de enfrentar as situações imaginativas, impossibilidade justificada pela falta de experiência docente. Ainda neste bloco, observa-se a cisão do discurso a respeito do professor e da escola, sendo a mudança do docente adotada como alternativa frente à dificuldade da mudança da escola, sendo a mesma percebida como descolada da instituição educativa.

Porém, em um segundo momento e ainda na esfera imaginativa, o professor surge desafiado pelo novo, pelas diferenças encontradas nos alunos que, por meio delas, sentem-se instigados à construção de uma prática pedagógica comprometida com a superação.

Na classe 1, o professor foi caracterizado em uma situação de desequilíbrio motivada pelas demandas do aluno, porém essa condição não está associada a uma atitude de disposição à superação e sim uma queixa que justifica as estratégias adaptativas

adotadas em seu nome. De modo complementar, tem-se no primeiro bloco da classe 3 um discurso próximo ao apresentado na classe 1, ainda marcado por estratégias de adaptação e submissão.

No entanto, no segundo bloco da classe 3 é possível sublinhar um discurso que recupera a imagem do professor frente às mudanças, colocando-o como um profissional que se sente provocado diante do novo, sustentando uma atitude protagonista em sua prática profissional. Portanto, temos a imagem de conformação e superação associadas à representação de mudanças na Educação.

Em ambos os casos, o contexto em questão parece se referir à relação pontual entre professor, aluno e sua turma escolar. A escola, como instância que se sustenta na ação coletiva dos professores, parece ainda ser conteúdo silenciado no discurso dos futuros pedagogos.

Em oposição às classes 1 e 3, situa-se a classe 2, *Mudanças, demandas pessoais e a rede de colaboração informal*, que trata das considerações dos alunos acerca de suas experiências dentro da universidade, estando relacionadas com o que foi questionado a eles. Como discursos distintos desta classe, apresentam-se os sujeitos do turno vespertino e também do terceiro ano:

Tabela 5 Palavras representativas da Classe 2, em ordem decrescente de  $\chi^2$

Palavra	FPC	FPT	PR	$\chi^2$
Muito+	68	78	87,18	57,74
Curso+	60	76	78,95	34,68
Já	42	48	87,5	33,17
Meu	28	28	100	31,97
Minha+	38	44	86,36	28,35
Pois	51	67	76,12	24,52
Hoje	20	20	100	22,37
Pedagog+	48	64	75	21,38
Tinha	36	46	78,26	18,43
Outro+	42	56	75	18,29
Caso	16	16	100	17,72
Amiga+	16	16	100	17,72
Eu	44	60	73,33	17,41
Porque	20	22	90,91	16,78
Ainda	15	15	100	16,57
Colega+	58	86	67,44	15,69
Conseguiu	14	14	100	15,43
Passou	18	20	90	14,54
Desistir	18	20	90	14,54
Eram	12	12	100	13,16
Assim	12	12	100	13,16

<b>PALAVRAS</b>	<b>FORMAS ASSOCIADAS</b>
Muito+	muito, muitos
Curso+	curso, cursos
Minha+	minha, minhas
Pedagog+	pedagoga, pedagogia, pedagógica
Outro+	outro, outros
Amiga+	amiga, amigas
Colega+	colega, colegas
Problema+	Problema, problemas

Quadro 3 Palavras características e suas formas associadas da Classe 2

Ao falar das mudanças vivenciadas no curso de Pedagogia, os alunos centraram-se prioritariamente em eventos de cunho particular. As situações relatadas parecem dizer um pouco do rito de ingresso na universidade, e de como este fato atinge tanto as dimensões pessoais, como seus grupos de referência fora da academia:

Eu cheguei ao curso de Pedagogia super feliz e interessada, mas vi que muitas coisas eu nunca tinha ouvido falar, e as matérias que chegavam eram ainda mais confusas para mim, mas passei a ler mais e correr atrás de novos conhecimentos e mudei até meus pensamentos. Através de leituras e conversas com amigas que já tinham uma caminhada universitária porque me disseram que aos poucos eu passaria a entender (Suj. 32, primeiro ano vespertino, sexo feminino).

No entanto, notou-se que essas mudanças pessoais ligadas à academia, foram muitas vezes narradas como vividas por seus amigos, não como experiência própria, como mostram as falas a seguir:

Minha colega D., no início do ano, queria desistir por motivos de horário: não estava conciliando família, escola e o bebê novinho, mas conseguiu fazer permuta com uma aluna que deseja mudar o seu horário para o período vespertino (Suj. 32, primeiro ano vespertino, sexo feminino).

Eu fazia Pedagogia no matutino, e uma amiga por problemas particulares teve que se mudar de cidade e, mesmo lamentando, foi embora. Chegou a cursar um mês na cidade local quando, para sua surpresa, sua transferência foi indeferida. Ela tentou resolver na cidade onde estava e, não conseguindo, me ligou para que eu visse a possibilidade de seu retorno. Consegui junto a outras colegas e também com a colaboração de outros professores, entre outros. Tudo foi resolvido e ela continua conosco (Suj. 32, primeiro ano vespertino, sexo feminino).

As falas dos acadêmicos revelam a existência de uma coletividade vivenciada como uma rede de colaboração informal, centrada na resolução de problemas pessoais, o que se destaca pelo uso de pronomes na primeira pessoa do singular.

Observa-se ainda a ausência de relatos que focalizem o curso como uma proposta coletiva e objeto, em si, de implicação e transformação. Esse movimento é parecido com aquele encontrado na classe 2, quando, no discurso dos licenciandos, o professor aparece desassociado da escola para poder administrar o seu processo de transformação.

Também é possível observar por meio das narrativas dos licenciandos que, ao relatar as mudanças vividas no curso de Pedagogia, prevalecem ainda aquelas que dizem respeito à indecisão acerca da escolha profissional, bem como nota-se indícios de uma abordagem utilitarista da escolha e permanência no curso:

Uma colega que não era feliz com o curso de Pedagogia. Ela desistiu do curso e prestou para o curso de computação, se ela passou no vestibular, não sei. Penso eu que ela foi muito burra em desistir do curso, pois já estamos no terceiro ano de Pedagogia (Suj. 32, primeiro ano vespertino, sexo feminino).

Os relacionamentos entre os colegas de sala, as mudanças e possibilidades que a academia proporciona parecem ancorar-se na dimensão pessoal dos sujeitos, no que se refere às suas necessidades familiares, tomadas inicialmente como ponto de referência para se pensar na condição de acadêmico. A dimensão pessoal aparece como instância onde se localizam as principais transformações vividas até então.

Assim, as transformações descritas pelos acadêmicos em Pedagogia, a partir do seu grupo de referência, estão possivelmente conectadas na relação entre o mundo em que pertenciam outrora e a academia.

O ponto comum das três classes está relacionado à natureza e ao modo de enfrentamento da mudança. No tocante à natureza do enfrentamento, os docentes em formação parecem creditar ao conhecimento adquirido constantemente pelo professorado, a segurança necessária em uma situação de mudança, assim como na experiência conquistada pela prática. Conhecimento e experiência profissional surgem nos relatos como estratégias associadas de diferentes modos a submissão, adaptação e superação.

Ainda quanto ao modo de enfrentamento das mudanças, tanto para o professor na escola, quanto para a situação acadêmica, os alunos de Pedagogia demonstram formalmente práticas pouco ou nada articuladas coletivamente. De certa forma, o professor e o acadêmico são caracterizados como atores descolados de um projeto pedagógico que os envolve, determinam suas escolhas e são potencialmente definidos por elas. Todavia, apenas quando falam de seu grupo de referência, os alunos parecem apontar redes de colaborações informais entre os colegas, para enfrentamento das dificuldades individuais.

## Considerações Finais

Diante dos dados analisados, notou-se que as mudanças são representadas, pelos acadêmicos de Pedagogia, como algo de fora, que rompe a estabilidade e faz com que as práticas sejam transformadas. As mudanças são vistas, pois, como algo que deve ser absorvido pelos sujeitos, que deverão se adaptar ao novo.

Os alunos de Pedagogia parecem reforçar uma prática ancorada no individualismo, tanto em uma situação quanto em outra, já que parece não se ver como grupo que poderia se articular para mobilizar mudanças. Isso pode ser observado pelo fato dos acadêmicos não se representarem como atores no processo de construção do curso, em um empreendimento coletivo, mas somente no processo de resolução dos conflitos de suas próprias vidas.

Como universitários, o individualismo é percebido pela natureza das mudanças citadas e pelo meio de resolução das mesmas, sendo a dimensão coletiva minimamente pontuada, ao dizerem da colaboração entre colegas de sala, na resolução de seus problemas individuais.

Tal fato é mais visível ao falarem de uma situação imaginativa, pois colocam o professor em um jogo de forças, que ora deve se adaptar pelas instabilidades trazidas pelos alunos, ora pelas mudanças impostas pelo governo ou direção. Desse modo, os acontecimentos propostos pelos alunos parecem ter como objetivação a adaptação por meio do conhecimento, de metodologias e da prática profissional.

Como hipóteses interpretativas, este estudo apontou a necessidade de maior aprofundamento quanto à diferença do discurso, levando em consideração a variável gênero e tempo de vida acadêmica, associados à atitude de superação e acomodação frente às mudanças na Educação.

## Referências

- BATISTA, C. M. P. B. **Representações Sociais de professores do ensino fundamental na rede pública municipal, em Cuiabá, sobre suas atividades docentes.** 2007. 146 f. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2007.
- BENTO GUTH, F. **Representações Sociais de licenciandos em Ciências Biológicas e Educação Física da UFMT, sobre o futuro do trabalho docente: um estudo sobre razões para ser professor, atividades docentes atuais e futuras, e do que dependerá o trabalho do professor.** 2008. 326 f. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2008.
- CÂNDIDO, F. **Representações Sociais de professores do ensino médio na rede pública estadual, em Cuiabá, sobre suas atividades docentes.** 2007. 191 f. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2007.
- FARIAS, I. M. S. **Inovação, Mudança e Cultura Docente.** Brasília: Liber Livro, 2006.
- GENTIL, H. S. Individualismo e Modernidade. **Psicologia e Sociedade**, v. 8(1), jan/jun 1996, p. 83-101.
- GILLY, M. As representações sociais no campo da educação. In: JODELET, D. (Org.). **As Representações Sociais.** Tradução de Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 321-341.
- JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As Representações Sociais.** Tradução de Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 17-44.
- MORGADO, L. C. **Currículo e profissionalidade docente.** Porto: Porto Editora, 2005.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da Psicanálise.** Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Representações sociais: investigações em psicologia social.** Tradução Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.
- SILVA, I. A. **A linha do tempo e as representações sociais de professores do ensino fundamental acerca da escola em Cuiabá.** 2004. 155 f. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2004.

Recebimento em:	30/03/2008
Aceite em:	12/04/2008